

RELAÇÃO PESSOA-AMBIENTE NO SISTEMA DE PREVENÇÃO COMMUNITIES THAT CARE

RELACIÓN PERSONAS-AMBIENTE EN EL SISTEMA DE PREVENCIÓN DE COMUNIDADES QUE CUIDAN

PERSON-ENVIRONMENT RELATIONSHIP IN THE COMMUNITIES THAT CARE PREVENTION SYSTEM

BARBOZA DA SILVEIRA, BETTIELI

Dra. Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), E-mail: bettieli.bs@gmail.com

SCHNEIDER, DANIELA RIBEIRO

Dra. Universidade Federal de Santa Catarina, E-mail: danischneiderpsi@gmail.com

RESUMO

Atentos aos benefícios a serem desfrutados por moradores ao imergir junto à comunidade, a Ciência da Prevenção possibilita a qualificação de ações comunitárias tendo o território como base interventiva. O Communities That Care (CTC) é um sistema de prevenção que vem se destacando como modelo internacional sobre intervenções multiníveis baseadas em evidência, como base em estudos dos determinantes sociais e ambientais. Objetivou-se estabelecer uma interlocução entre a Psicologia Ambiental e o referido sistema de prevenção, ao compreender a influência das vinculações de identidade e de apego ao lugar para adesão das lideranças comunitárias ao Communities That Care. O contexto da pesquisa envolveu um dos distritos de Florianópolis e todas suas particularidades. O percurso metodológico envolveu as técnicas de caminhada pelo local, vestígios ambientais e entrevistas semiestruturadas. Os dados colhidos foram apreciados à luz da Análise Temática e suscitaram a criação de duas categorias de análise, são elas: afeto e interações; lugar e pertença. Os principais resultados evidenciaram como pontos de inflexão na dinâmica relacional a percepção de relevância das práticas culturais, cuidado socioambiental, segurança e habitabilidade, identificação e afetividade para com a comunidade. A relação estabelecida com a comunidade, principalmente a identidade e o apego ao lugar, aos seus valores e engajamento em ações coletivas, potencializam a adesão ao Sistema de Prevenção Communities That Care e facilitam o planejamento de ações comunitária de âmbito preventivo ao uso de drogas e violências.

PALAVRAS-CHAVE: psicologia ambiental; participação da comunidade; sistema de prevenção; communities that care; saúde comunitária.

RESUMEN

Consciente de los beneficios que pueden disfrutar los residentes al sumergirse en la comunidad, la Ciencia de la Prevención permite calificar acciones comunitarias utilizando el territorio como base de intervención. Communities That Care (CTC) es un sistema de prevención que se ha destacado como modelo internacional de intervenciones multinivel basadas en evidencia, basadas en estudios de determinantes sociales y ambientales. El objetivo fue establecer un diálogo entre la Psicología Ambiental y el mencionado sistema de prevención, a través de la comprensión de la influencia de los vínculos identitarios y de apego al lugar en la adhesión de los líderes comunitarios a Communities That Care. El contexto de la investigación involucró uno de los distritos de Florianópolis y todas sus particularidades. El recorrido metodológico involucró técnicas de caminata por el sitio, rastros ambientales y entrevistas semiestructuradas. Los datos recolectados fueron evaluados a la luz del Análisis Temático y llevaron a la creación de dos categorías de análisis, a saber: afecto e interacciones; lugar y pertenencia. Los principales resultados resaltaron la percepción de relevancia de las prácticas culturales, el cuidado socioambiental, la seguridad y habitabilidad, la identificación y el afecto hacia la comunidad como puntos de inflexión en las dinámicas relacionales. La relación que se establece con la comunidad, principalmente la identidad y el apego al lugar, sus valores y el compromiso con acciones colectivas, potencia la adhesión al Sistema de Prevención Comunidades Que Cuidan y facilita la planificación de acciones comunitarias para prevenir el consumo de drogas y la violencia.

PALABRAS CLAVES: psicología ambiental; participación comunitaria; sistema de prevención; comunidades que se preocupan; salud de la comunidad.

ABSTRACT

Attentive to the benefits to be enjoyed by residents when immersing themselves in the community, the Science of Prevention enables the qualification of community actions with the territory as an intervention base. Communities That Care (CTC) is a prevention system that has stood out as an international model of evidence-based multilevel interventions based on social and environmental determinants studies. Aimed to establish an interlocution between Environmental Psychology and the mentioned prevention system by understanding the influence of identity ties and attachment to the place for community leaders to adhere to Communities That Care. The research context involved one of the districts of Florianópolis and all its particularities. The methodological route involved techniques for walking around the site, environmental traces, and semi-structured interviews. The collected data were analyzed considering the Thematic Analysis and led to the creation of two analysis categories: affection and interactions, place and belonging. The main results showed the relevance of perception of the cultural practices, socio-environmental care, safety and habitability, identification, and affection towards the community as turning points in relational dynamics. The relationship established with the community, especially the identity and attachment to the place, its values, and engagement in collective actions, enhances adherence to the Communities That Care Prevention System and facilitates the planning of community actions with a preventive scope to the use of drugs and violence.

KEYWORDS: environmental psychology; community participation; prevention system; communities that care; community health.

Recebido em: 11/10/2023

Aceito em: 22/04/2024

1 INTRODUÇÃO

O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. (...) Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. (...) O que começa com espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor (Tuan, 2013, p. 03).

Na intenção de estudar o ser humano em sua subjetividade, a Psicologia, de modo geral, busca compreender os comportamentos, assim como o que há subjacente a eles, como os significados, as atitudes e os valores atribuídos ao meio pelas pessoas. Em decorrência das características e transformações ambientais que a humanidade se impôs, eleva-se a preocupação com as condições de bem-estar e qualidade de vida das pessoas, bem como pela influência do ambiente na saúde humana.

Os trajetos, atividades e incursões urbanas que as pessoas realizam nos bairros e na cidade são permeados por uma relevância afetiva que, comumente, envolve outras pessoas no ambiente do indivíduo, favorecendo o desenvolvimento de relações sociais relacionadas ao longo do tempo (Bernardo; Palma-Oliveira, 2016; Lewicka, 2011). Alguns aspectos favorecem, particularmente, tais relações, como a partilha de crenças, de memórias afetivas sobre situações, eventos, transformações nos ambientes coletivos, estilo de vida, práticas culturais e valores (Lewicka, 2011).

Os Estudos Pessoa-Ambiente (EPA) partem do pressuposto de que os ambientes não existem isoladamente, tampouco são palco ou plano de fundo das expressões humanas (Higuchi; Kuhnen, 2011). Neles, há relação bidirecional com expressões de subjetividades, recriadas no espaço e no tempo, considerando que estabilidade e transformação coexistem. O contato direto com a comunidade e seu entorno socio físico busca oportunizar ao sujeito transcender as memórias e significados atribuídos (Quinn; Bousquet; Guerbois, 2019). A relação das pessoas com os ambientes se estabelece na experiência urbana dos moradores com os trajetos percorridos, dotando-os de sentido.

O diálogo aqui proposto é um convite ao enlace entre as áreas que compõem os Estudos Pessoa-Ambiente, em especial à Psicologia Ambiental e à Arquitetura e Urbanismo. A interseção entre as qualidades ambientais, a composição estrutural de um bairro e as relações construídas pela comunidade que o habita constitui sua essência dialógica. A mescla de espaços públicos e privados, com funções e características particulares, apresenta possibilidades e restrições ao uso (Pippi; Lautert, 2019). Mas, ao mesmo tempo, indicações de potenciais encontros, formas de apropriação, mistura de povos e de manifestação de cidadania (Sassen; Castro; Santoro, 2013).

Ao considerar que as pessoas necessitam identificar territórios como próprios para, então, estruturar suas cognições e estabelecer relações sociais, o conceito de identidade de lugar se apresenta, ressaltando a importância dos vínculos emocionais com o entorno (Belanche; Casalo; Flavián, 2017; Mourão; Cavalcante, 2006). Processo dinâmico e mutável ao longo da vida das pessoas, a construção da identidade de lugar percorre envolvimento comportamental cognitivo, investimento emocional, aproximações e vinculações afetivas, culturais, dentre muitos outros atributos constituintes. Além disso, une-se ao diálogo o conceito de apego ao lugar, detalhado por Scannell e Gifford (2010) por meio das relações entre as características físico espaciais do lugar e os significados afetivos a ele atribuídos.

Os significados e sentidos que construímos com os ambientes permitem, segundo Tuan (2013), transformar espaços em lugares. Para o autor, espaços remetem à amplitude, movimento e liberdade, enquanto os lugares se referem a ideia de segurança, pausa, estabilidade, proximidade. Assim, vivemos na segurança dos lugares, desejando a liberdade dos espaços. Ao se implicar em tais relações, as pessoas assumem postura ativa em um processo de apropriação e significação dos lugares, fundamental na vinculação afetiva e identitária (Ponte; Bomfim; Pascual, 2009).

Ao perceber um território como seu, apropriando-se e sentindo-o como seu lar, permite-se ao sujeito a construção contínua de autoidentidade. No intuito de explorar aspectos físicos congruentes à relação pessoa-ambiente na comunidade, salientam-se estudos que dão suporte a crescente atenção aos determinantes sociais e ambientais que destacam importância no uso de intervenções multiníveis para melhorar resultados de saúde da população (Cabassa *et al.*, 2013; Gatersleben *et al.*, 2020).

Na intenção de explorar evidências científicas acerca dos benefícios a serem desfrutados por moradores ao imergir junto à comunidade, a ciência da prevenção assume protagonismo e vem possibilitando a qualificação de ações preventivas comunitárias, tendo o território como base interventiva (Schneider *et al.*, 2021). Os modelos de intervenção preventiva mais amplos comumente incluem uma variedade de métodos, um planejamento sistemático de ações multiníveis e uma abordagem colaborativa. Para tanto, aumenta-se a importância da construção de estratégias fundamentadas na ética da prevenção baseada em evidência (Edwards *et al.*, 2000; Pedrosa; Juhászová; Hamann, 2019; Sloboda; Petras, 2014; Stith *et al.*, 2006). Um

modelo específico vem ganhando destaque internacional, trata-se do *Communities That Care* (CTC) (Sloboda; Petras, 2014).

Desenvolvido por David Hawkins e Richard Catalano, da Universidade de Washington, nos Estados Unidos, por volta de 1980 (Hawkins *et al.*, 2008), o CTC objetiva capacitar lideranças da própria comunidade sobre estratégias preventivas baseadas em evidências. O sistema intervém em vários âmbitos da estrutura social (indivíduos, família, escola, comunidade) e acaba por mexer nos valores culturais da comunidade. O CTC é um dos sistemas de prevenção mais usado no mundo, baseado no modelo de saúde pública, com a aplicação de avaliações epidemiológicas de fatores de risco e proteção específicos da comunidade alvo, além do levantamento dos conhecimentos, objetivos e valores da comunidade, que servem de base para a definição dos programas preventivos ao uso de drogas e às violências que melhor se adequem às necessidades levantadas. Pauta-se no Modelo de Desenvolvimento Social, que visa criar interações sociais que oportunizem o desenvolvimento de um futuro saudável para os jovens e a mediação para um efetivo vínculo comunitário.

O CTC é implementado em cinco etapas: 1) preparação da comunidade para receber a intervenção e avaliação de sua prontidão para enfrentar processos de mudança e de articulação socio comunitária; 2) organização da coalizão comunitária, em que se iniciam os treinamentos sobre a ciência da prevenção e realiza-se a organização da coalizão e de seus grupos de trabalhos e âmbitos de ação; 3) levantamento de dados epidemiológicos, relacionados aos fatores de risco e proteção da juventude, visando o perfil comunitário; 4) plano estratégico de ação preventiva, com base nas necessidades levantadas, a ser elaborado pela coalizão comunitária. A seleção do(s) programa(s) é realizada conforme as evidências produzidas para os programas preventivos para a realidade de cada país; 5) Na quinta etapa realiza-se a implementação dos programas e estratégias preventivas, sendo solicitado que a coalizão comunitária acompanhe, monitore e avalie as ações realizadas.

Ao propor a inclusão da comunidade em todos os estágios de seu desenvolvimento e execução, abre-se ao diálogo sobre o modo como as pessoas se relacionam com seu entorno socio físico, sendo que os Estudos Pessoa-Ambiente e, em particular, a Psicologia Ambiental tem grande potencial de contribuir para sua compreensão e planejamento de intervenção. Intervir sobre o espaço, buscar a transformação, ser protagonista e agir coletivamente, reflete a expansão do ambiente pessoal para o entorno, alcançando a comunidade e o fortalecimento do apego e da identidade de lugar de cada morador engajado ao CTC (Lengen; Timm; Kistemann, 2019).

Para aprofundar e conhecer as nuances envolvidas na compreensão de como se constrói maior congruência pessoa-ambiente em comunidades, estima-se que investigar as vinculações dos moradores, a fim de potencializar uma relação saudável com o ambiente residencial e seu entorno, é um bom indicador de saúde. Para melhor entender a apropriação dos espaços e o impacto delas na adesão ao CTC, foram esmiuçadas as dimensões de identificação simbólica e ação-transformação, assim como as características específicas e comuns ao(s) grupo(s) que compartilha(m) o(s) espaço(s). Assim, objetivou-se compreender a influência das vinculações de identidade e de apego ao lugar dos membros da coalizão comunitária para adesão ao sistema de prevenção *Communities That Care*.

2 MÉTODO

Este estudo adotou um delineamento qualitativo e com abordagem multimétodos. Utilizou-se da associação de observação direta e indireta, com vistas à construção e o desenvolvimento do instrumento/técnica seguinte, oferecendo a possibilidade de complementação e confrontação dos dados obtidos. Os dados coletados ofereceram um corte transversal, apresentando a realidade no momento em que se desenvolveu o processo em si. Foi um estudo específico, desenvolvida dentro do âmbito de um projeto maior intitulado “Estudo piloto para a adaptação cultural do Sistema de Prevenção *Communities That Care* no Brasil”.

A coleta de dados contemplou: a) caminhada pelo local (*walk-around-the-block*); b) levantamento de vestígios ambientais do comportamento na comunidade; c) entrevistas semiestruturadas com informantes-chave. A escolha das técnicas objetivou contemplar a investigação de diferentes dimensões da interação humano-ambiental, propondo técnicas centradas ora no ambiente, ora na pessoa.

A técnica de caminhada pelo local e de levantamento de vestígios oportunizou investigar os principais trajetos, ocupações anteriores, simbologias ambientais e práticas envolvidas no cotidiano comunitário. As entrevistas permitiram esmiuçar a direcionalidade nas pessoas e suas vinculações declaradas aos modos de identificação, de apropriação, de pertencimento e de apego ao lugar. A proposta multimetodológica empregada permitiu que os resultados não se restringissem ao que é observado diretamente ou ao que é comunicado, mas sim à convergência de técnicas.

O contexto da pesquisa permeou a comunidade em que o CTC está sendo implementado, localizada em um dos distritos da cidade de Florianópolis. Este é um dos distritos mais antigos de capital catarinense, localiza-se no noroeste da Ilha, a 15km do centro. A caracterização e a divulgação da comunidade são particularmente importantes por alguns critérios, definidos e articulados em conformidade com os preceitos estabelecidos pelo CTC. São eles: (a) ser localidades auto identificadas com limites geográficos definidos e alguma estrutura de governança existente; (b) ter um total populacional entre 4.000 e 40.000 habitantes; (c) não esteja, nos últimos dois anos, implementando estratégias preventivas para uso de drogas e/ou violência; (d) deve apresentar lideranças colaborativas e interessadas na implementação do projeto (caracterizando um critério de conveniência).

O distrito envolve as comunidades de quatro bairros localizados no norte da Ilha de Santa Catarina, conta 22,45 km de área e tem uma população de 7.378 mil habitantes. Estes bairros tiveram um papel importante na colonização da cidade e ainda preserva muitas casas e construções históricas. Caracterizada pela preservação da cultura açoriana, possui relevante centro gastronômico e de artesanato local, além do destaque na pesca artesanal e na maricultura.

Os participantes deste estudo são lideranças comunitárias ativas, que estão diretamente envolvidos no processo de implementação piloto do CTC, pois constituíram o grupo da coalizão comunitária, que se organiza nas ações cotidianas vinculadas ao sistema de prevenção e seu processo de adaptação para a realidade brasileira. Os seis participantes envolvidos diretamente serão identificados apenas por P1, P2, e assim sucessivamente, para preservar sigilo e anonimato. Sobre eles, trata-se de três homens e três mulheres, com idades entre 38 e 65 anos, com tempo de moradia na comunidade entre 15 e 43 anos, nenhum nativo.

De posse dos dados obtidos, o material passou a ser analisado em consonância à Análise Temática (AT) com auxílio do *software* Atlas.ti, versão 8.0 (Braun; Clarke, 2006; 2019). Com tal perspectiva de análise, diálogos e contrastes puderam ser tecidos com subsídio da literatura relacionada a estratégias de prevenção, sistemas comunitários, cuidados em saúde e dos Estudos Pessoa-Ambiente. Este modelo de análise requer postura reflexiva e ponderada do(a) pesquisador(a) com seus dados, pressupostos epistemológicos e com o processo analítico de modo geral. A AT sintetiza seu processo em seis fases de análise: a) familiarização com os dados; b) geração dos primeiros códigos; c) busca por temas; d) revisão dos temas; e) definição e nomeação dos temas; f) produção do relatório (Braun; Clarke, 2006; 2019).

Cumprir mencionar que todos os aspectos éticos foram respeitados neste estudo, em conformidade com a legislação vigente, sobretudo, na Resolução no 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde. Esta pesquisa contou com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina, parecer número 4.937.162.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos foram compilados e unificados com vistas a responder os objetivos desta pesquisa, de modo que dois temas foram suscitados, são eles: a) afeto e interações; b) lugar e pertença. Os códigos emergidos desta proposição temática podem ser mais bem compreendidos a partir da visualização da Tabela 1. Ademais, serão apresentados os mapas dos trajetos percorridos (Figura 1), assim como a apresentação dos vestígios ambientais identificados no percurso.

Tabela 1: Análise temática: códigos e temas

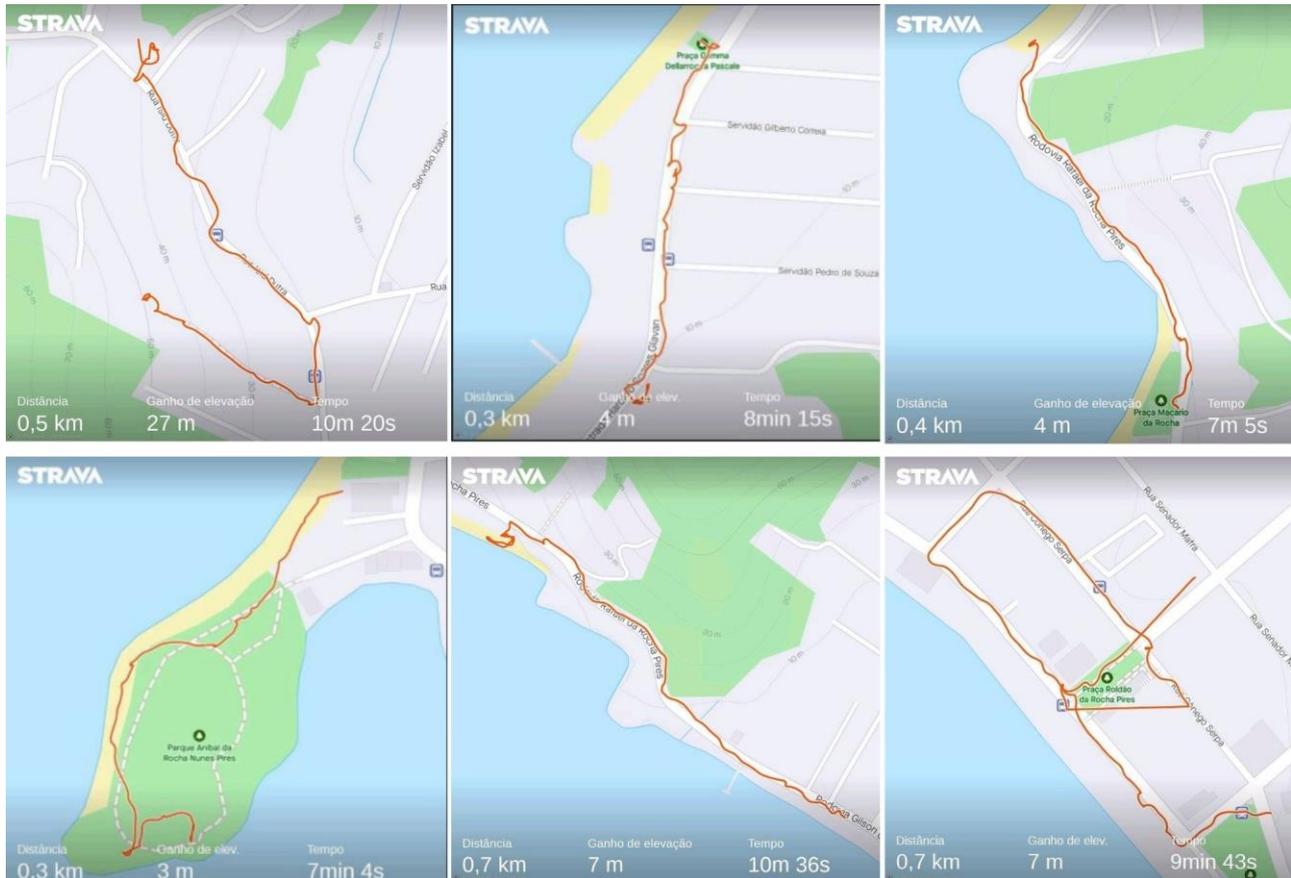
Afetos e interações	Lugar e pertença
engajamento comunitário	significados ambientais
relações interpessoais	senso de pertencimento
práticas culturais	cuidado e preservação
Qualidade de vida	projeto de vida

Fonte: elaboração própria.

Nos mapas gerados a partir da caminhada pelo local, são apresentados os trajetos percorridos a partir da indagação única: “me conduza a um percurso significativo para você, pelo tempo e lugares que preferir. Durante o percurso, me sinalize o que o torna especial para você”. Com isso, os percursos permitiram conhecer diferentes ângulos de percepção do ambiente, com observância aos particulares detalhes e

simbologias associadas. Abaixo, apresentam-se os mapas de P1 (à esquerda), seguido de P2 (meio) e P3 (à direita), na linha superior. Na linha inferior, P4 (à esquerda), P5 (meio) e P6 (à direita) completam os caminhos.

Figura 1: Mapas obtidos através da técnica de caminhada pelo local.



Fonte: Arquivos de pesquisa extraídos do aplicativo *Strava*.

Frente a indagação da pesquisadora, os participantes conduziam até o início de onde iria partir o trajeto desejado, momento em que iniciava o mapeamento pelo aplicativo. As caminhadas variaram na distância entre 300 e 700 metros, enquanto o tempo dedicado girou entre 7 e 10 minutos. Observou-se que os caminhos percorridos por cinco participantes envolveram proximidade e apontamento de particulares significados atribuídos às praias da comunidade. Tipicamente, as menções aos locais de praia, sejam eles com pé na areia (a exemplo de P3, P4 e P5) ou com visualização privilegiada por um mirante, eram seguidas de valoração de memórias afetivas e de cuidados pela preservação socioambiental.

Ao compreender a interação das pessoas com o lugar, o estímulo ambiental permeado inicialmente, segundo Ulrich (1983), é o afeto. A resposta afetiva a determinada experiência precede o pensamento, pois refere a uma percepção ambiental (Bomfim; Delabrida; Ferreira, 2018). Na pesquisa de Casarin e colaboradoras (2023) as autoras investigaram a imagem mental da paisagem de seus entornos, especialmente de suas janelas. Dentre os resultados principais, em consonância aos resultados detalhados neste estudo, observa-se o entendimento de que a paisagem não é um mero visualizador do que está externo, mas sim um importante elemento na relação simbólica-afetiva do espaço vivenciado.

Afetos e interações

O modo como uma pessoa se relaciona com a comunidade em que reside percorre seu engajamento comunitário, enquanto elemento balizador da participação ativa para com as demandas do local. Dentre os relatos dos participantes se observaram discursos que evidenciaram que estar cercado de elementos favoráveis ao bem-estar e convidativos a experiências e oportunidades de interação se tornam diferenciais ao cotidiano, o que fomenta o desejo de fazer parte de tais melhorias para a comunidade.

Reações de prazer ou desprazer expressadas pelos participantes sobre o modo como se relacionam com comunidade foram, particularmente, notadas no que tange às características socioambientais do entorno de suas residências e nos espaços de convivência. Isto é, em ambientes intimamente ligados aos objetivos de habitabilidade, que possuam acessibilidade, proximidade, estética, possibilidade de acesso via caminhadas, espaços recreativos seguros e espaços abertos (Moulay *et al.*, 2018).

A intensidade do engajamento comunitário é algo que P6 descreve como “fonte de muita preocupação”. Para ela, um dos lugares que exemplifica e materializa o envolvimento é a associação de moradores que, segundo ela, “tem sempre opiniões divergentes, o que é bom, pois se discute abertamente o problema do bairro”. No que tange ao modo como as pessoas se relacionam com o lugar, Pei (2019) destaca que identidade e apego ao lugar são conexões sociais atuam como mediadores, considerados antecedentes sociopsicológicos-chave que favorecem, inclusive, intenção pró-ambiental.

Ao discorrer sobre a importância de transitar e encontrar vizinhos da comunidade, P1 compartilha que “descendo a rua você vê que a gente conhece todo mundo. Talvez eu não conheça todos de nome, mas todo mundo se conhece né?!”. Percepção similar à de P4, que inclui “o acolhimento das pessoas da comunidade foi um diferencial, eu cheguei e já interagi com todo mundo”. Os benefícios da interação humana em e com espaços públicos é fonte de investigação e investimento, pois melhora o desenvolvimento do senso de comunidade, particularmente importante para pessoas que estão em transição de habitação e que recém migraram para a nova moradia (Biedenweg; Scott; Scott, 2017; Francis *et al.*, 2012; Manzo, 2003). Nesse sentido, destacam-se os papéis desempenhados pelos moradores da comunidade, que refletem as regras e condutas estabelecidas pelo grupo ou ambiente social (Sales; Michels, 2023).

Importante salientar que não se trata da frequência com que as pessoas acessam e interagem na comunidade, mas sim a qualidade na elaboração de espaços públicos que estimulam ou retraem a interação. Sobre tais aspectos, as práticas culturais, sem dúvida, foram grande expoente no discurso dos participantes. Talvez, SAL seja o lugar que mais respira cultura em Florianópolis, e seus moradores não poupam palavras para evidenciar o orgulho sobre tal característica. Com fala fluida, os participantes expressam seus projetos culturais de sucesso, como: “Baiacu de Alguém” (P5), grupo carnavalesco, e “Ginca Ponta, que é a Gincana da Ponta do Sambaqui” (P4). Como bem resumiu P1: “é um bairro muito vivo culturalmente!”.

Assim como o enfoque cultural é fonte de exaltação, a qualidade de vida recebe particular evidência, especialmente por sua característica estrutural construída e natural. Para P2, “a nossa comunidade é diferenciada, ela é mar de um lado, montanha do outro”. Aproximar-se e querer permanecer em determinado lugar envolve o modo como as pessoas reagem aos ambientes, modelados pelos significados construídos na relação pessoa-ambiente e tendo a afetividade como elemento central desta interação (Felippe *et al.*, 2017; Rapoport, 1990).

Ao escolher morar nesta comunidade, P6 reitera que o trajeto à beira-mar que ela conduziu (Figura 1) representa o principal benefício percebido para se conectar com lugar: “aqui é muito gostoso, você pode descansar, pode meditar, o que você quiser fazer, tá?!”. Assim como P2, muito engajado em buscar parcerias público-privadas para investir em melhorias na comunidade, que aproveita seu itinerário para mostrar os futuros investimentos: “a comunidade vai ser revitalizada, vai ser bem iluminada, vai ter as calçadas, isso é qualidade de vida em termos de segurança, tranquilidade, né?!”

Lugar e pertença

Dentre os muitos lugares percorridos durante a técnica de caminhada pelo local, mencionados nas entrevistas e registrados por fotografias como vestígios ambientais, há aqueles em que não se capta com exatidão no retrato, na fala e na mera visualização. É como se o foco não alcançasse a magnitude do significado que o participante tenta expressar. Um dos principais momentos em que este difícil compartilhamento se deu foi ao verbalizar sobre o sentimento de pertencer ao lugar.

Embora haja a premissa científica e do senso comum de que migrantes se sentem excluídos da sociedade que habitam e, portanto, possuam pouco apego e pouco comprometimento com o lugar que lhes acolheu (Liu *et al.*, 2020), nem sempre essa conexão é verificada com precisão. Na comunidade de SAL a maioria dos moradores é migrante. A população nativa está presente e estima muito respeito de todos os participantes deste estudo, “na comunidade toda, todo mundo reconhece e quer bem os nativos” (P2).

Ainda que engajados em projetos, associação comunitária e atividades interacionais do bairro, P3 e P5 guardam resquícios de suas dificuldades de adaptação pela condição de migrante. Ambos mencionam sensação de deslocamento natural pela condição, para P3: “sou como uma estrangeira”, e para P65 “eu sou importado, eu preciso me ajustar ao país e o país não precisa se ajustar a mim”. Embora apresentem discurso

de desajustamento, nenhum dos dois planeja sair do distrito. Ao contrário, veem a comunidade como seu lugar de desejo e parte de seus projetos de vida.

Em outra correspondência vinculativa, P1, P2, P4 e P6 não poupam palavras para explicar seu senso de pertencimento: “sou parte da comunidade, faço parte e procuro fazer acontecer” (P2). Em mesmo caminho afetivo, há a sensação de algo a retribuir, para manter a reciprocidade com o lugar, assim explica P4: “hoje, isso aqui pra mim é a minha vida, minha referência cultural é isso aqui”. Abrir-se e estar disponível ao encontro, com o outro e com o ambiente é parte do processo de implicação afetiva com o lugar. Cada pessoa resguarda suas singularidades no modo como se vinculam às dimensões físicas e sociais do ambiente que habita com estima, conservando para si algum detalhe ou característica que o torna particular (Quinn; Bousquet; Guerbois, 2019).

A produção de apego ao lugar reflete as ligações afetivas construídas, mas estas não estão condicionadas ao tempo, intensidade ou continuidade do contato (Scannell; Gifford, 2010). A definição das autoras vem ao encontro do viés percebido na coleta de dados ou atentar para manifestações de vínculo “automático, assim que me deparei com a beleza do lugar, adorei!” (P1). Em seguida, e contextualizando com a prática do comportamento pró-ambiental como elemento cultural a ser cultivado, o senso de cuidado e preservação se torna objetivo.

Em fala contínua, P6 partilha que seu sentimento para com a comunidade “é de cuidado, de carinho, de querer preservar nossa comunidade”. Com afeto similar e com argumentos para justificar, P4 explica que o motivo do fácil encantamento “é o bairro, o distrito em si, a característica dele de ser, que é assim”, ao mesmo tempo em que apronta ao entorno que, no momento, compreendia a praia, uma casa de artesanato e ruas residenciais. Para Amin (2018), a sensação de pertencimento e de identificação com ambientes expressam parte da nossa identidade social.

As características dos lugares que os tornam particularmente especiais para nós permeiam diversos tipos de vinculação para além das afetivas, como moral, valores, emoções, propósitos de vida, relacionamentos. Por “sua história, pelo seu passado histórico, por ser uma das primeiras (comunidades) da Ilha, este lugar sempre me atraiu” (P2). Logo, tornou-se parte do elemento essencial, estar, habitar, pertencer, integrar o lugar.

As reações que as pessoas expressam perante os ambientes variam de acordo com os significados construídos (Rapoport, 1990). Os significados ambientais atuam como um modelo de comunicação não verbal, percorrendo identificação, interpretação e atribuição de sentido durante a experiência (Felippe *et al.*, 2017). Isto é, cada pessoa vivencia sua ligação e simbologia com o lugar à sua maneira, personalizando suas atividades, propriedades, práticas e rotinas. Como P5, ao mencionar “a associação do bairro, tem uma sede lá, que é um casarão antigo, nós vamos lá ver a parte cultural”. E P1, que atendeu para detalhes estéticos de apropriação: “as pessoas costumam ter quadros dentro de casa que representam o bairro”.

O discurso de P4 sobre sua conexão com a comunidade e o significado atribuído é resumido em: “significa a melhor parte da minha vida, significa muito, pois aqui eu criei meus filhos”. Na arte de existir nos contextos urbanos das cidades, habitar a comunidade é resumida como auge do projeto de vida. Que, por sua vez, pode estar repleta de diferentes objetivos que materializem a ideia de “topo da pirâmide”. Inúmeros fatores, singularmente construídos, recheiam estes encontros e alcances: “a comunidade e minha vida familiar se fundiram aqui” (P2), “eu não me imagino morando em outro lugar em Florianópolis, que não seja aqui”, “ah, que coisa interessante morar nesse lugar, meu Deus. Morar aqui é muito legal, muito gostoso!” (P6).

A preocupação com o ambiente de moradia na vida cotidiana é uma característica contemporânea de um mundo urbanizado. A qualidade de vida e a habitabilidade assumiram lugar de destaque na escada do bem-estar humano, mais do que estar em uma cidade grande, pequena, com esta ou aquela característica, o que prevalece na ambição e no projeto de vida da sociedade moderna é a possibilidade de estar e de viver onde se deseja (Kourtjit *et al.*, 2022).

Importante destacar alguns limites desta pesquisa, que passam pelo fato de ser um número pequeno de entrevistados, que não permite uma generalização dos dados. Destacar, também, os aspectos que dizem respeito às idiosincrasias da comunidade que, da mesma forma, não permitem uma universalização dos dados, pois o distrito estudado traz condições socioeconômica favoráveis e uma longa história de integração cultural. Certamente, comunidades com outras características e realidades ambientais, com maiores índices de vulnerabilidade social, degradação ambiental, poderiam despertar outros afetos, relações de apego, sentimentos de pertença e experiências de insegurança territorial. Por isso mesmo, este artigo exige o exercício de considerar a singularidade do que foi aqui produzido, mas buscando compreender a potencialidade dos múltiplos métodos empregados, em diálogo com um sistema de prevenção de base comunitária, que podem contribuir para enriquecer outras pesquisas e intervenções territorializadas.

4 CONCLUSÃO

Diante dos achados que derivam desta pesquisa, cumpre mencionar o destaque à perspectiva multimetodológica adotada, comum aos Estudos Pessoa-Ambiente. A integração entre as técnicas e os procedimentos adotados para a coleta de dados forneceram possibilidades de confrontos e complementação, num processo recursivo de grande valia para tentar aproximar e materializar a conexão entre objetivos, método e resultados encontrados.

As dimensões analisadas pelas pesquisas de Psicologia Ambiental, que destacam a interação pessoa-ambiente, ao passar por conceitos como identidade e apego ao lugar, experiências de pertença e de afetos construídos pelo ambiente, podem contribuir na compreensão do engajamento das lideranças comunitárias em ações coletivas em prol de seu território e auxiliar sistemas de prevenção, como é o caso do *Communities That Care*, a compreender melhor as condições de prontidão comunitária e o envolvimento dos membros em suas propostas de ação. Verificamos que os afetos positivos destas lideranças relacionados à comunidade em pauta, fortaleceram o apego ao lugar onde escolheram fixar sua residência e desenvolveram seus projetos de vida, mesmo não sendo nativos deste lugar, o que os levou a perceber este território como sendo seu, facilitando sua adesão às propostas de um projeto voltado para cuidar da saúde comunitária, com ações direcionadas para a prevenção de uso de drogas e violências entre a juventude da comunidade. Agir para o bem comum é para estas lideranças fortalecer os vínculos com este território existencial e firmar sentimentos de identidade e pertença.

Concernente às implicações e proposições práticas que são esperadas a partir do conhecimento aqui produzido, estima-se que o projeto piloto de implementação do sistema de prevenção *Communities That Care* possa ser abastecido com as facilidades e dificuldades encontradas nos discursos e incursões dos participantes, lideranças da comunidade. O CTC se ancora na disponibilidade para participação ativa, prontidão comunitária, fidelidade, dentre outras valências que podem ser enriquecidas em seu processo de aferição e desenvolvimento a partir dos destaques empregados pela psicologia ambiental, destacando esta potencialidade interdisciplinar. Sendo assim, sublinha-se, particularmente, a relevância das práticas culturais, do cuidado socioambiental, das dimensões de segurança e habitabilidade, a identificação e afetividade para com a comunidade, como aspectos a serem considerados para a articulação da coalizão comunitária, responsável pelo desenvolvimento do sistema de prevenção CQC no cotidiano da comunidade.

REFERÊNCIAS

- AMIN, H. M. T. The impact of heritage decline on urban social life. *Journal of Environmental Psychology*, v. 55, p. 34-47, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2017.12.002>. Acesso em ago/2023.
- BELANCHE, D.; CASALÓ, L. V.; FLAVIÁN, C. Understanding the cognitive, affective and evaluative components of social urban identity: Determinants, measurement, and practical consequences. *Journal of Environmental Psychology*, v. 50, p. 138-153, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2017.02.004>. Acesso em ago/2023.
- BERNARDO, F.; PALMA-OLIVEIRA, J. M. Urban neighbourhoods and intergroup relations: The importance of place identity. *Journal of Environmental Psychology*, v. 45, p. 239-251, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2016.01.010>. Acesso em ago/2023.
- BIEDENWEG, K.; SCOTT, R. P.; SCOTT, T. A. How does engaging with nature relate to life satisfaction? Demonstrating the link between environment-specific social experiences and life satisfaction. *Journal of Environmental Psychology*, v. 50, p. 112-124, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2017.02.002>. Acesso em ago/2023.
- BOMFIM, Z. A. C.; DELABRIDA, Z. N. C.; FERREIRA, K. P. M. Emoções e afetividade ambiental. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. *Psicologia Ambiental: conceitos para leitura da relação pessoa-ambiente*. Petrópolis, RJ, 2018, p. 60-74.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em ago/2023.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Reflecting on reflexive thematic analysis. *Qualitative research in sport, exercise and health*, v. 11, n. 4, p. 589-597, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/2159676X.2019.1628806>.
- CABASSA, L. J., PARCESEPE, A.; NICASIO, A.; BAXTER, E.; TSEMBERIS, S.; LEWIS-FERNÁNDEZ, R. Health and wellness photovoice project: Engaging consumers with serious mental illness in health care interventions. *Qualitative health research*, v. 23, n. 5, p. 618-630, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1049732312470872>. Acesso em ago/2023.
- CASARIN, V.; SOETHE, B. K.; HENICKA, B. C. P.; FELIPPE, M. L. A resposta afetiva dos sujeitos às paisagens avistadas de suas janelas. *Revista Projetar-Projeto e Percepção do Ambiente*, v. 8, n. 2, p. 109-123, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/30771>. Acesso em ago/2023.

- EDWARDS, R. W.; JUMPER-THURMAN, P.; PLESTED, B. A.; OETTING, E. R.; SWANSON, L. Community readiness: Research to practice. *Journal of community psychology*, v. 28, n. 3, p. 291-307, 2000. Disponível em: [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1520-6629\(200005\)28:3<291::AID-JCOP5>3.0.CO;2-9](https://doi.org/10.1002/(SICI)1520-6629(200005)28:3<291::AID-JCOP5>3.0.CO;2-9) Acesso em ago/2023.
- FELIPPE, M. L.; KUHNEN, A.; SILVEIRA, B. B.; LELLI, G. What Is a Restorative Hospital Environment? Environmental Meaning, Affective Stress Restoration and Physical Attributes in Pediatric Inpatient Rooms. *Children, Youth and Environments*, v. 27, n. 1, p. 17-46, 2017. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.7721/chilyoutenvi.27.1.0017> Acesso em ago/2023.
- FRANCIS, J.; GILES-CORTI, B.; WOOD, L.; KNUIMAN, M. Creating sense of community: The role of public space. *Journal of environmental psychology*, v. 32, n. 4, p. 401-409, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2012.07.002> Acesso em ago/2023.
- GATERSLEBEN, B.; WYLES, K. J.; MYERS, A.; OPITZ, B. Why are places so special? Uncovering how our brain reacts to meaningful places. *Landscape and Urban Planning*, v. 197, p. 103758, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.landurbplan.2020.103758> Acesso em ago/2023.
- HAWKINS, J. D.; CATALANO, R. F.; ARTHUR, M. W.; EGAN, E.; BROWN, E. C.; ABBOTT, R. D.; MURRAY, D. M. Testing Communities That Care: The Rationale, Design and Behavioral Baseline Equivalence of the Community Youth Development Study. *Prevention Science*, v. 9, p. 178-190, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s1121-008-0092-y> Acesso em ago/2023.
- HIGUCHI, M. I. G.; KUHNEN, A. Percepção Ambiental. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Orgs.). *Temas básicos em psicologia ambiental*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 250-266.
- KOURTIT, K.; NIJKAMP, P.; TÜRK, U.; WAHLSTROM, M. City love and place quality assessment of liveable and loveable neighbourhoods in Rotterdam. *Land Use Policy*, v. 119, p. 106109, 2022. <https://doi.org/10.1016/j.landusepol.2022.106109> Acesso em ago/2023.
- LENGEN, C.; TIMM, C.; KISTEMANN, T. Place identity, autobiographical memory and life path trajectories: The development of a place-time-identity model. *Social Science & Medicine*, v. 227, p. 21-37, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2018.09.039> Acesso em ago/2023.
- LEWICKA, M. Place attachment: How far have we come in the last 40 years?. *Journal of environmental psychology*, v. 31, n. 3, p. 207-230, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2010.10.001> Acesso em ago/2023.
- LIU, Q.; WU, Y.; XIAO, Y.; FU, W.; ZHUO, Z.; VAN DEN BOSCH, C. C. K.; HUANG, Q.; LAN, S. More meaningful, more restorative? Linking local landscape characteristics and place attachment to restorative perceptions of urban park visitors. *Landscape and Urban Planning*, v. 197, p. 103763, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.landurbplan.2020.103763> Acesso em ago/2023.
- MANZO, L. C. Beyond house and haven: Toward a revisioning of emotional relationships with places. *Journal of environmental psychology*, v. 23, n. 1, p. 47-61, 2003. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0272-4944\(02\)00074-9](https://doi.org/10.1016/S0272-4944(02)00074-9)
- MOULAY, A.; UJANG, N.; MAULAN, S.; ISMAIL, S. Understanding the process of parks' attachment: Interrelation between place attachment, behavioural tendencies, and the use of public place. *City, Culture and Society*, v. 14, p. 28-36, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ccs.2017.12.002> Acesso em ago/2023.
- MOURÃO, A. R. T.; CAVALCANTE, S. O processo de construção do lugar e da identidade dos moradores de uma cidade reinventada. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 11, p. 143-151, 2006. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000200003> Acesso em ago/2023.
- PEDROSO, R. T.; JUHÁSOVÁ, M. B.; HAMANN, E. M. Evidence-based science in public policies for reinventing alcohol and drugs use prevention. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 23, 2019. <https://doi.org/10.1590/Interface.170566>
- PEI, Z. Roles of neighborhood ties, community attachment and local identity in residents' household waste recycling intention. *Journal of Cleaner Production*, v. 241, p. 118217, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2019.118217> Acesso em ago/2023.
- PIPPI, L. G. A.; LAUTERT, A. R. Praças como espaços públicos relevantes: conceitos pertinentes ao projeto. *Revista Projetar-Projeto e Percepção do Ambiente*, v. 4, n. 1, p. 112-124, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/16796>. Acesso em ago/2023.
- PONTE, A.Q; BOMFIM, Z. A. C.; PASCUAL, J. G. Considerações teóricas sobre identidade de lugar à luz da abordagem histórico-cultural. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v.27, n.59, p. 345-354, out./dez. 2009. Disponível em <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/20169>.
- QUINN, T.; BOUSQUET, F.; GUERBOIS, C. Changing places: The role of sense of place in perceptions of social, environmental and overdevelopment risks. *Global Environmental Change*, v. 57, p. 101930, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2019.101930> Acesso em ago/2023. Acesso em ago/2023.
- RAPOPORT, A. *The meaning of the built environment: A nonverbal communication approach*. University of Arizona Press, 1990.

SALES, L. P.; MICHELS, C. Entorno urbano imediato: um estudo de caso no condomínio residencial Cidadão Manauara 2. *Revista Projetar-Projeto e Percepção do Ambiente*, v. 8, n. 3, p. 90-104, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/31854>. Acesso em ago/2023.

SASSEN, S.; CASTRO, L. G. R.; SANTORO, P. O que é espaço público? In: *Revista aU*. São Paulo: Editora PINI, ano 28, n. 232, jul. 2013. Disponível em <http://au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/232/o-que-e-espaco-publico-292045-1.aspx>. Acesso em outubro/2023.

SCANNELL, L.; GIFFORD, R. Defining place attachment: A tripartite organizing framework. *Journal of environmental psychology*, v. 30, n. 1, p. 1-10, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2009.09.006> Acesso em ago/2023.

SCHNEIDER, D. R.; THUROW, C. F.; BROWN, E. C.; MURTA, S. G. (2021). Communities That Care (CTC): Community Prevention Interventions. In: *Drugs and Human Behavior Biopsychosocial Aspects of Psychotropic Substances Use*. Cham: Springer International Publishing, 2021. p. 371-380. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-030-62855-0_26

SLOBODA, Z.; PETRAS, H. *Defining prevention science*. New York, NY: Springer, 2014. <https://doi.org/10.1007/978-1-4899-7424-2> Acesso em ago/2023.

STITH, S.; PRUITT, I.; DEES, J.; FRONCE, M.; GREEN, N.; SOM, A.; LINKH, D. Implementing community-based prevention programming: A review of the literature. *Journal of Primary Prevention*, v. 27, p. 599-617, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10935-006-0062-8> Acesso em ago/2023.

TUAN, Y.-F. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 2013.

ULRICH, Roger S. Aesthetic and affective response to natural environment. In: *Behavior and the natural environment*. Boston, MA: Springer US, 1983. p. 85-125.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.